

## 49. Sentir medo não é tolice

Irene Batista Felício

Eu me chamo Irene Batista Felício, sou indígena do povo Palikur-Arukwayene, tenho 37 anos e moro na Aldeia Kumenê. Hoje quero compartilhar com todos vocês como estamos vivendo nessa pandemia da COVID-19. Quando saiu a notícia dessa doença no jornal todas as famílias sentiram angústia e medo de que essa doença chegasse em nossa aldeia, como sou mãe, fiquei preocupada que minha família se contaminasse com esse vírus e, mais ainda, com a minha mãe, que é diabética e é uma das que estão em grupo de risco.

Logo começamos a nos isolar em nossa aldeia, para evitar a contaminação desse vírus. Foram suspensas todas as atividades na aldeia, como as aulas, afim de evitar aglomeração. No entanto, apesar da nossa angústia, continuamos trabalhando na roça e fazendo farinha, pois precisávamos nos manter aqui na aldeia, porque ir à cidade para sacar dinheiro seria difícil... Nossos parentes fecharam o ramal da Aldeia Manga, por onde nós passamos para ir à cidade comprar mantimentos, mas sabemos que essa medida que eles tomaram foi para nos proteger, para que o vírus não chegasse às aldeias.

Porém, com a necessidade de ter mantimentos para sustentar as nossas famílias, tivemos que ir ao Oiapoque no período em que foi liberada a passagem das pessoas para a cidade. Com isso muitas pessoas saíram da aldeia e foram comprar seus alimentos, e acabou havendo contaminação. Os mais velhos começaram a ficar com febre, os idosos são os que mais sofreram, uma idosa veio a óbito em minha aldeia. Felizmente, depois disso nenhuma pessoa mais morreu.

Nossos remédios tradicionais nos ajudaram muito a enfrentar essa doença, tomamos chás de folhas que nos fizeram melhorar da febre. Passamos dias difíceis, mas sempre tivemos um Deus olhando por nós! Isso tudo vai passar e esses dias que estamos vivendo serão um passado triste, que servirá para nos lembrar que somos fracos quando deixamos de pensar no próximo, quando não colaboramos com as medidas de prevenção, quando achamos que sentir medo é tolice, mas não é! A morte não é nada agradável! Não podemos esquecer que unidos temos mais força para enfrentar essa pandemia, que temos que fazer a nossa parte!

Espero que, depois disso, tudo volte ao normal, que as aulas retornem para que nossas crianças possam voltar a estudar e a aprender para lutar junto com o nosso povo.

Aldeia Kumenê, Oiapoque, Amapá, Brasil

06 de julho de 2020